Domingo I do Tempo do Advento - Ano B – 29.11.2026



Viver a Palavra

Com o primeiro Domingo de Advento, abre-se diante de nós um novo Ano Litúrgico: o Povo de Deus volta a pôr-se a caminho, para viver o mistério de Cristo na história. No ritmo hebdomadário da liturgia dominical, percorrendo os diversos tempos litúrgicos, celebramos o mistério de Cristo que ilumina cada tempo e momento da história.

Começar um caminho é sempre motivo para dar graças a Deus que nos concede a graça de viver cada dia e cada tempo como uma nova oportunidade para sermos mais e melhor a partir do Seu amor. Além disso, o início de uma nova etapa é sempre tempo para estabelecer propósitos e compromissos.

O tempo de advento é tempo de espera confiante e vigilante, «*da espera de um Jesus que é Deus caído na terra como um beijo*» (B. Calati). O Senhor veio, vem e virá e esta certeza anima a nossa esperança, fortalece a nossa confiança e estimula a nossa caridade.

No evangelho deste Domingo, Jesus exorta-nos estar atentos e vigiar: «*acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento*». Jesus ama-nos e não nos quer desprevenidos. Sabe que o frenesim do nosso quotidiano, o ritmo acelerado das nossas vidas e os nossos múltiplos afazeres fazem-nos dispersar.

Somos homens e mulheres marcados pela fragilidade e os limites da nossa condição humana, e, por isso, o profeta Isaías recorda-nos que somos barro nas mãos do Eterno e Divino Oleiro: «*Vós, porém, Senhor, sois nosso Pai, e nós o barro de que sois o Oleiro; somos todos obra das vossas mãos*».

Contudo, a fragilidade e os limites da nossa condição humana não são um impedimento para que Deus derrame sobre as nossas vidas os Seus dons. A parábola evangélica que o Evangelho deste Domingo propõe recorda-nos, uma vez mais, como o nosso Deus se quer confiar em nossas mãos: «*será como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos, atribuindo a cada um a sua tarefa, e mandou ao porteiro que vigiasse*». É recorrente no Evangelho esta imagem de um Deus que se assemelha a um patrão que parte de viagem e confia aos seus servos tarefas ou bens. Deus sabe que, não obstante as nossas debilidades e fracassos, que somos capazes de obras grandes e belas. Deus vê para lá do nosso pecado e fragilidade e ensina-nos que quando somos capazes de viver a partir do Seu amor, vigiando sobre a nossa vida e sendo capazes de abrir o coração aos outros, podemos realizar obras belas e grandiosas que fazem do mundo um lugar mais belo e da vida de cada homem e de cada mulher uma vida mais feliz.

Prestar atenção e estar vigilante são atitudes fundamentais no nosso itinerário crente. A pessoa atenta é aquela que mesmo no meio do ruído e da instabilidade do mundo não se deixa tomar pela distração ou pela

superficialidade, mas vive numa atitude de atenção ao mundo e aos outros, procurando vencer a globalização da indiferença e marcando o tempo e a história com gestos concretos de amor e misericórdia. A pessoa vigilante é aquela que aceita o convite de vigiar permanentemente e não se deixar dominar pelo sono do desencorajamento, da falta de esperança ou da desilusão.

Que este tempo de espera vigilante e atenta preencha a nossa vida de sentido pois mesmo caminhando entre as luzes e sombras do tempo presente temos sempre de recordar as palavras de S. Paulo: «*já não vos falta nenhum dom da graça, a vós que esperais a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo*». ***in Voz Portucalense.***

+ +

Com o Tempo de Advento damos início a um novo Ano Litúrgico onde seremos acompanhados pelo Evangelista S. Marcos. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um conjunto de iniciativas que possam ajudar os fiéis no conhecimento e aprofundamento deste evangelista. ***in Voz Portucalense.***

+ + + + + ++ +

Iniciamos, hoje, um novo **Ano Litúrgico – 2026/2027, o Ano B.** Acompanhamos o evangelista Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de Marcos.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/.Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Isaías 63,16b-17.19b; 64,2b-7
Vós, Senhor, sois nosso Pai
e nosso Redentor, desde sempre, é o vosso nome.
Porque nos deixais, Senhor, desviar dos vossos caminhos
e endurecer o nosso coração, para que não Vos tema?
Voltai, por amor dos vossos servos
e das tribos da vossa herança.
Oh, se rasgásseis os céus e descêsseis!
Ante a vossa face estremeceriam os montes!
Mas Vós descestes
e perante a vossa face estremeceram os montes.
Nunca os ouvidos escutaram, nem os olhos viram
que um Deus, além de Vós,
fizesse tanto em favor dos que n'Ele esperam.
Vós saís ao encontro dos que praticam a justiça
e recordam os vossos caminhos.
Estais indignado contra nós,
porque pecámos e há muito que somos rebeldes,
mas seremos salvos.
Éramos todos como um ser impuro,
as nossas ações justas eram todas como veste imunda.
Todos nós caímos como folhas secas,
as nossas faltas nos levavam como o vento.
Ninguém invocava o vosso nome,
ninguém se levantava para se apoiar em Vós,
porque nos tínheis escondido o vosso rosto
e nos deixáveis à mercê das nossas faltas.
Vós, porém, Senhor, sois nosso Pai
e nós o barro de que sois o Oleiro;
somos todos obra das vossas mãos.

CONTEXTO

O texto do Trito-Isaías (capítulos 56-66 do Livro de Isaías) que nos é proposto situa-nos em Jerusalém, na época posterior ao Exílio (anos 537/520 a.C.). A cidade está em reconstrução. As pedras calcinadas lembram os dramas passados, a população é pouco numerosa, a reconstrução é lenta e modesta porque os retornados são pobres, os inimigos estão à espreita. Há desânimo e medo do futuro.... Desse desânimo resulta a indiferença face a Javé e à Aliança. Consequentemente, o culto é pouco cuidado e Deus ocupa um lugar secundário no coração e nas preocupações do Povo.

Os profetas que desenvolvem a sua missão nesta fase vão tentar acordar a esperança num futuro de vida plena e de salvação definitiva (em que Jerusalém voltará a ser uma cidade bela e harmoniosa, o local onde Deus habita no meio do seu Povo); mas não deixam de sublinhar que o Povo tem de se reconverter aos caminhos da Aliança, da justiça, do amor, da fidelidade a Javé.

Este texto é parte de uma perícope que vai de 63,7 a 64,11. Os versículos que o integram não apresentam especial coerência temática. Misturam elementos típicos de súplica ou lamentação com elementos de confissão dos pecados. A situação é a de desgraça nacional. O Povo dirige-se ao Deus da história, pedindo-Lhe que intervenha para salvar; e, uma vez que a desgraça é considerada castigo pelos pecados, o Povo confessa a culpa e pede perdão. ***in Dehonianos.***

INTERPELAÇÕES

- O texto de Isaías apresenta em pano de fundo um Povo de coração endurecido, rebelde, indiferente, que há muito prescindiu de Deus e deixou de se preocupar em viver de forma coerente os compromissos assumidos no âmbito da Aliança. É um quadro que reflete bem a realidade deste mundo em que vivemos, em pleno séc. XXI. Que lugar ocupa Deus na nossa vida? Que importância damos às suas propostas? As sugestões e os apelos de Deus têm algum impacto sério nas nossas opções e prioridades?
- O texto convida-nos também a reconhecer que só Deus é fonte de salvação e de redenção. Nós, por nós próprios, somos incapazes de superar essa rotina de indiferença, de egoísmo, de violência, de mentira que tantas vezes caracteriza o quadro de vida em que nos movemos. Deus, o nosso "Pai" e o nosso "redentor", é sempre fiel às suas "obrigações" de amor e de justiça e está sempre disposto a oferecer-nos, gratuita e incondicionalmente, a salvação. A nós, resta-nos acolher o dom de Deus com humildade e com um coração agradecido. Estamos conscientes desse dom e estamos disponíveis para o acolher?
- A ação de Deus, o seu papel de "redentor" concretiza-se através de Jesus e das propostas que Ele veio fazer aos homens e ao mundo. Neste Advento que me preparo para viver, estou disposto a acolher Jesus e a abraçar as propostas que Deus, através d'Ele, me faz? ***in Dehonianos***

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 79 (80)

Refrão: Senhor nosso Deus, fazei-nos voltar,
mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos.

Pastor de Israel, escutai,
Vós que estais sentado sobre os Querubins, aparecei.
Despertai o vosso poder
e vinde em nosso auxílio.

Deus dos Exércitos, vinde de novo,
olhai dos céus e vede, visitai esta vinha.
Protegei a cepa que a vossa mão direita plantou,
o rebento que fortalecestes para Vós.

Estendei a mão sobre o homem que escolhestes,
sobre o filho do homem que para Vós criastes;
e não mais nos apartaremos de Vós:
fazei-nos viver e invocaremos o vosso nome

LEITURA II – 1 Coríntios 1,3-9
Irmãos:
A graça e a paz vos sejam dadas
da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.
Dou graças a Deus, em todo o tempo, a vosso respeito,
pela graça divina que vos foi dada em Cristo Jesus.
Porque fostes enriquecidos em tudo:
em toda a palavra e em todo o conhecimento;
e deste modo, tornou-se firme em vós o testemunho de Cristo.
De facto, já não vos falta nenhum dom da graça,
a vós que esperais a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Ele vos tornará firmes até ao fim,
para que sejais irrepreensíveis

no dia de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Fiel é Deus, por quem fostes chamados
à comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor.

CONTEXTO

No decurso da sua segunda viagem missionária, Paulo chegou a Corinto, depois de atravessar boa parte da Grécia, e ficou por lá cerca 18 meses (anos 50-52), consagram-se inteiramente ao anúncio do Evangelho.

Corinto era uma cidade nova e muito próspera. Servida por dois portos de mar, possuía as características típicas das cidades marítimas: população de todas as raças e de todas as religiões. Era a cidade do desregramento para todos os marinheiros que cruzavam o Mediterrâneo, ávidos de prazer, após meses de navegação. Na época de Paulo, a cidade comportava cerca de 500.000 pessoas, das quais dois terços eram escravos. A riqueza escandalosa de alguns contrastava com a miséria da maioria.

Como resultado da pregação de Paulo, nasceu a comunidade cristã de Corinto. A maior parte dos membros da comunidade era de origem grega, embora de condição humilde (cf. 1 Cor 11,26-29; 8,7; 10,14.20; 12,2); mas também havia elementos de origem hebraica (cf. At 18,8; 1 Cor 1,22-24; 10,32; 12,13).

De uma forma geral, a comunidade era viva e fervorosa; no entanto, estava exposta aos perigos de um ambiente corrupto: moral dissoluta (cf. 1 Cor 6,12-20; 5,1-2), querelas, disputas, lutas (cf. 1 Cor 1,11-12), sedução da sabedoria filosófica de origem pagã que se introduzia na Igreja revestida de um superficial verniz cristão (cf. 1 Cor 1,19-2,10).

Tratava-se de uma comunidade com boas possibilidades, mas que mergulhava as suas raízes em terreno adverso. Na comunidade de Corinto, vemos as dificuldades da fé cristã em inserir-se num ambiente hostil, marcado por uma cultura pagã e por um conjunto de valores que estão em profunda contradição com a pureza da mensagem evangélica.

O texto que nos é hoje proposto é a "ação de graças" inicial. Habitualmente, Paulo começava as suas cartas com uma "ação de graças". ***in Dehonianos***.

INTERPELAÇÕES

- Paulo considera que a comunidade cristã é uma realidade continuamente enriquecida pela vida de Deus. Através dos seus dons, Deus vem continuamente ao encontro dos homens e manifesta-lhes o seu amor. Os crentes devem viver numa permanente atitude de escuta e de acolhimento desses dons. A comunidade de que faço parte está consciente de que Deus vem continuamente ao encontro dos homens através dos dons que Ele oferece? Acolhe os dons de Deus como sinais vivos do seu amor?
- Qual o objetivo dos dons de Deus? Segundo Paulo, é "tornar firme nos crentes o testemunho de Cristo". Os dons de Deus destinam-se a promover a fidelidade das pessoas e das comunidades ao Evangelho, de forma que todos nos identifiquemos cada vez mais com Cristo. Os dons que Deus me concedeu destinam-se sempre a potenciar a minha fidelidade e a fidelidade dos meus irmãos às propostas de Jesus, ou servem, às vezes, para concretizar objetivos mais egoístas, como sejam a minha promoção pessoal ou a satisfação de certos interesses e anseios?
- Há, neste texto, um apelo implícito à vigilância. O cristão tem de estar sempre vigilante e preparado para acolher o Deus que vem ao seu encontro e lhe manifesta o seu amor através dos seus dons… E tem também de estar sempre vigilante para que os dons de Deus não sejam desvirtuados e utilizados para fins egoístas. ***in Dehonianos***.

EVANGELHO – Marcos 13,33-37
Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Acautelai-vos e vigiai,
porque não sabeis quando chegará o momento.
Será como um homem que partiu de viagem:
ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos,
atribuindo a cada um a sua tarefa,
e mandou ao porteiro que vigiasse.
Vigiai, portanto,
visto que não sabeis quando virá o dono da casa:
se à tarde, se à meia-noite,
se ao cantar do galo, se de manhãzinha;
não se dê o caso que, vindo inesperadamente,
vos encontre a dormir.
O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!»

CONTEXTO

O Evangelho deste domingo situa-nos em Jerusalém, pouco antes da Paixão e Morte de Jesus. É o terceiro dia da estadia de Jesus em Jerusalém, o dia dos "ensinamentos" e das polémicas mais radicais com os líderes judaicos (cf. Mc 11,20-13,1-2). No final desse dia, já no "Jardim das Oliveiras", Jesus oferece a um grupo de discípulos (Pedro, Tiago, João e André – cf. Mc 13,3) um amplo e enigmático ensinamento, que ficou conhecido como o "discurso escatológico" (cf. Mt 13,3-37).

Este discurso, apresentado com uma linguagem profético-apocalíptica, descreve a missão da comunidade cristã no período que vai desde a morte de Jesus até ao final da história humana. É um texto difícil, que emprega imagens e uma linguagem cheia de alusões enigmáticas, bem ao jeito do género literário "apocalipse". Não seria tanto uma previsão antecipada de acontecimentos concretos, mas antes uma leitura profética da história humana. O seu objetivo seria dar aos discípulos indicações acerca da atitude a tomar frente às vicissitudes que marcarão a caminhada histórica da comunidade, até à vinda final de Jesus para instaurar, em definitivo, o novo céu e a nova terra.

Os quatro discípulos referenciados no início do "discurso escatológico" representam a comunidade cristã de todos os tempos… Os quatro são, precisamente, os primeiros discípulos chamados por Jesus (cf. Mc 1,16-20) e, como tal, convertem-se em representantes de todos os futuros discípulos. O discurso escatológico de Jesus não seria, assim, uma mensagem privada destinada a um grupo especial, mas uma mensagem destinada a toda a comunidade crente, chamada a caminhar na história com os olhos postos no encontro final com Jesus e com o Pai. O "discurso escatológico" divide-se em três partes, antecedidas de uma introdução (cf. Mc 13,1-4). Na primeira parte (cf. Mc 13,5-23), o discurso alude a uma série de movimentos que vão marcar a história e que requerem dos discípulos a atitude adequada: vigilância e lucidez. Na segunda parte, o discurso anuncia a vinda definitiva do Filho do Homem e o nascimento de um mundo novo a partir das ruínas do mundo velho (cf. Mc 13,24-27). Na terceira parte, o discurso refere a incerteza quanto ao "tempo" histórico dos eventos anunciados e insiste com os discípulos para que estejam sempre vigilantes e preparados para acolher o Senhor que vem (cf. Mc 13,28-37). ***in Dehonianos.***

INTERPELAÇÕES

- O Evangelho deste domingo coloca-nos diante de uma certeza fundamental: "o Senhor vem". A nossa caminhada humana não é um avançar sem sentido ao encontro do nada, mas uma caminhada feita na alegria ao encontro do Senhor que vem. Não se trata de uma vaga esperança, mas de uma certeza baseada na palavra infalível de Jesus. O tempo de Advento recorda-nos a realidade de um Senhor que vem ao encontro dos homens e que, no final da nossa caminhada por esta terra, nos oferecerá a vida definitiva, a felicidade sem fim.
- O tempo do Advento é o tempo da espera do Senhor. O Evangelho deste domingo diz-nos como deve ser essa espera… A palavra fundamental é "vigilância": o verdadeiro discípulo deve estar sempre "vigilante", cumprindo com coragem e determinação a missão que Deus lhe confiou. Estar "vigilante" significa viver, a cada momento e a cada passo, ativo, empenhado, comprometido na construção de um mundo de vida, de amor e de paz. Significa cumprir, com coerência e sem meias tintas, os compromissos assumidos no dia do batismo e ser um sinal vivo do amor e da bondade de Deus no mundo. É dessa forma que eu tenho procurado viver?
- Em concreto, estar "vigilante" significa não viver de braços cruzados, fechado num mundo de alienação e de egoísmo, deixando que sejam os outros a tomar as decisões e a escolher os valores que devem governar a humanidade; significa não me demitir das minhas responsabilidades e da missão que Deus me confiou quando me chamou à existência… Estar "vigilante" é ser uma voz ativa e questionante no meio dos homens, levando-os a confrontarem-se com os valores do Evangelho; é lutar de forma decidida e corajosa contra a mentira, o egoísmo, a injustiça, tudo aquilo que rouba a vida e a felicidade a qualquer irmão que caminhe ao meu lado… Como discípulo de Jesus, assumo essa atitude de constante vigilância?
- Aquela "casa" referida na parábola é a comunidade de Jesus. Nela, todos são servidores. Todos viverão servindo, desempenhando as tarefas que lhes foram confiadas, enquanto esperam o regresso do único "Senhor" (Jesus). Temos aqui uma bela definição da Igreja, a comunidade que Jesus deixou a fazer caminho na história. A comunidade cristã de que eu faço parte é uma comunidade de irmãos e de irmãs conscientes da missão que Jesus lhes deixou, onde todos desempenham o seu papel com lucidez e responsabilidade, ou é um conjunto de pessoas adormecidas, passivas e acomodadas, que vivem na inércia, na indiferença e na mediocridade? A comunidade cristã de que eu faço parte é uma comunidade de gente que procura servir, de forma simples e humilde, os mais necessitados e desvalidos, como Jesus sempre fez, ou é uma comunidade onde cada um está apenas preocupado em "levar a água ao seu moinho" e concretizar as suas visões e triunfos pessoais? A comunidade cristã de que eu faço parte é uma comunidade onde a responsabilidade de todos é incentivada e potenciada de forma sinodal, ou é uma

comunidade desigual, onde existem "os que mandam" e "os que obedecem", os que se impõem e os que se submetem? ***in Dehonianos.***

PARA VÓS SENHOR, ELEVO A MINHA ALMA

«Para vós, Senhor, elevo a minha alma» (Salmo 25,1). Antífona do Cântico de Entrada que inaugura a celebração eucarística do Advento, do ano litúrgico, do ano inteiro. Aponta a atitude a assumir pela assembleia fiel e orante: a oblação permanente, a oração constante. Extraordinário pórtico de entrada no Advento e no novo ano litúrgico. Belíssima forma de viver, elevando para Deus a nossa vida: a oração é a nossa vida! A nossa vida em ascensão e oração permanente, sacrifício de suave odor, incenso puro subindo para o nosso Deus. Sempre. O Evangelho dirá com a mesma energia e alegria: «Estai atentos», «vigiai», «não sabeis quando virá o dono da casa» (Marcos 13,33-37). Na verdade, nós não o podemos ver: é como um homem que partiu de viagem (Mateus 13,34). Todavia, tudo o que possuímos foi dele que o recebemos (Mateus 13,34). Portanto, vida levantada, rosto erguido para Deus. É o gesto do justo justificado por Deus (Job 22,26). Página em branco, Primeira e Última, que podemos apresentar a Deus neste início de Advento e de ano litúrgico. É de Deus a palavra e a escrita que não passa (Marcos 13,31).

A lição do Evangelho de hoje (Marcos 13,33-37) está atravessada pelo verbo «vigiar», por quatro vezes repetido (13,33.34.35.37), em imperativo: uma vez agrypneîte (agr-, negação, e hypnóô, dormir) (v. 33), e três vezes grêgoreîte, vigiar (v. 34.35.37). No Getsémani, Jesus clarificará em que consiste esta «vigilância», pois aí dirá: «vigiai e orai» (Marcos 14,28). É preciso manter o coração sintonizado com o coração de Deus. Daí as vigílias da noite também enunciadas no v. 35: ao anoitecer (21h00), à meia-noite (24h00), ao cantar do galo (03h00) e às matinas (06h00). A locução «estai atentos» atravessa também por quatro vezes o inteiro Capítulo 13 do Evangelho de Marcos (13,5.9.23.33), que é um Capítulo em que Jesus fala para quatro discípulos: Pedro, André, Tiago e João, sentados no Monte das Oliveiras, diante do Templo (Marcos 13,3).

O Templo ainda está de pé (será destruído no ano 70), e os discípulos admiram a excelência daquelas pedras e do embelezamento do Templo feito por Herodes o Grande, com a intenção de captar as boas graças dos judeus, já que Herodes não era judeu, era Idumeu, e estava interessado em ter os judeus do seu lado. Jesus adverte que aquele luxo passaria, e aproveita para lembrar que passará mesmo tudo, também as nossas seguranças (ou aquilo que pensamos estar seguro), sacudidas por guerras, violências, rapinas, perseguições, pelo normal andamento do tempo e da idade. Com a contundência que lhe é conhecida, diz-nos São Paulo que «passa, na verdade, a figura (tò schêma) deste mundo (toû kósmou toúto)» (1 Coríntios 7,31), isto é, tendo em conta a força das palavras e a expressão gramatical de que se revestem, «a figura que passa (na tela) é este mundo». Sem equívocos: a realidade deste mundo é penúltima, não Última. Neste cenário passageiro, há, porém, uma realidade que não passa: a palavra de Jesus (Marcos 13,31). Salta à vista, portanto, que é a esta âncora que nos devemos agarrar, e não à poeira das nossas grandezas ilusórias! Este discurso é dirigido aos quatro discípulos referidos. Mas, o Evangelho de hoje termina com Jesus a dizer: «O que vos digo a vós, digo-o a todos!». Portanto, a nós, hoje, também.

O escritor argentino Jorge Luís Borges deixou-nos versos densos como estes, acentuando a importância e a intensidade de cada momento da nossa vida a não desperdiçar: «Não há um instante que não esteja carregado como uma arma»; «Em cada instante o galo pode ter cantado três vezes»; «Em cada instante a clépsidra deixa cair a última gota». E o poeta brasileiro Vinícius de Moraes escreveu assim num belíssimo poema: «A coisa mais divina/ Que há no mundo/ É viver cada segundo/ Como nunca mais». É assim, sempre vigilantes, amantes e esperantes, sempre à escuta e à espera de alguém, com Amor imenso e intenso, que rasga o próprio tempo, que devemos encher todos os nossos instantes, como se fosse a primeira vez, como se fosse a última vez. Aprendamos então que tudo no Evangelho é decisivo, pois é-nos mostrado com toda a clareza que cada passo conta, cada gesto conta, cada palavra conta, cada copo de água conta!

Átrio de um tempo novo, habitado, «carregado» de justiça e de bondade. Obra de Deus no nosso mundo. E só dele. Obra terna, tenra e nova, como um «rebento» de um jovem casal ou de uma planta. Sinal de Primavera no meio da invernia e da lama em que nos vamos atolando, ensonados e enlatados, sem sequer darmos por isso. É, portanto, mesmo preciso que Ele venha e que nos acorde e nos levante da nossa letargia com novas pautas e novos acordes musicais! E que nos dê nomes novos a nós, às nossas cidades, às nossas escolas, aos nossos hospitais, às nossas ruas! Nomes novos, isto é, em termos bíblicos, nova expressão e novas maneiras de viver. Up! Up! Up! Luz nova lá no alto a atrair os nossos olhos embotados. Instrução nova de Deus para todos os povos, armas transformadas em relhas de arado, flores brancas em mãos ensanguentadas (Isaías 2,1-5).

D. António Couto

PARA OS LEITORES

O início do Ano Litúrgico constitui-se como uma pertinente oportunidade para uma formação de leitores acerca da temática e da estrutura das leituras deste novo Ano Litúrgico e de modo particular do evangelista que nos irá acompanhar.

Na **primeira leitura**, deve haver especial cuidado na entoação da frase interrogativa e das frases exclamativas. Deve também retirar-se o maior partido das formas verbais no imperativo, mostrando a força expressiva do texto.

A aparente facilidade na proclamação da **segunda leitura**, não deve permitir descurar a preparação, sobretudo das pausas e respirações para uma leitura mais articulada do texto.